

Editorial

A equipe da Equatorial tem o prazer de apresentar para suas leitoras e leitores o mais recente número (v. 5 n° 8) da revista. Trata-se de um número de artigos livres que abordam uma pluralidade de temas e de locais de pesquisa, dando prova da riqueza de indagações e interesses que movimentam o exercício de produção de conhecimento da antropologia e das ciências humanas e sociais em geral. Nesse número os artigos também evidenciam um proveitoso diálogo com outras áreas do conhecimento, como a educação e a saúde.

Se no editorial desse número decidimos insistir em que a multiplicidade de temas e enfoques é sinônimo de riqueza e que o diálogo interdisciplinar é importante para alargar as perspectivas analíticas sobre um tema determinado, não é apenas pelo desejo de falarmos bem do nosso trabalho e vendermos a ideia de ler a revista. Insistimos, porque vivemos tempos em que as bondades derivadas de perscrutar e analisar criticamente o mundo, que pareciam uma obviedade, estão sendo novamente questionadas. Ressurgem perguntas sobre a utilidade de alguns ofícios e profissões, são cortadas disciplinas dos currículos escolares por sua suposta inutilidade para a formação dos estudantes, são barrados temas importantes para a formação crítica de cidadãos e cidadãs democráticos nas escolas e insinua-se que a curiosidade e a vontade de entender os processos sociais e históricos, que nos constituem como sujeitos, pode ser uma prática perigosa. Persistimos, então, na nossa convicção de que os fenômenos sociais precisam ser abordados a partir de múltiplas perspectivas disciplinares e de que a publicação da produção discente é uma das vias para fortalecer os diálogos entre pesquisadores e para conhecer e valorizar a heterogeneidade de universos possíveis de pesquisa.

Pela diversidade de assuntos descrita e por se tratar de um número de artigos livres não há uma linha temática só que oriente a leitura, porém, vários dos textos aqui apresentados analisam a noção de família e expõem os limites sempre negociados, mutáveis e tensos com outros universos sociais pensados como pertencentes a outra ordem de organização social como a escola, o hospital, os juizados. A leitora e o leitor também encontrarão análises etnográficas baseadas no conceito de experiência, ora de alunos umbandistas na escola, ora no uso e significação de psicoativos ou, ainda, nas negociações afetivas de mulheres lésbicas. Finalmente, há também trabalhos de cunho etnológico que propõem formas criativas de entender, por meio de categorias nativas, processos de aproximação entre crenças e práticas religiosas a princípio pensadas como pertencentes a ordens completamente diferenciadas.

Encerramos o número com um ensaio visual e com o maravilhoso presente da tradução para o português do texto *Writing Against Culture*, de autoria de Lila Abu-Lughod, que a revista apresenta graças aos esforços e a tradução de Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego e Leandro Marques Durazzo. A tradução com o título em português “Escrita contra a cultura”, contou ainda com a revisão de Luísa Valentini. Agradecemos os ofícios de nossos colegas e esperamos que a tradução seja de grande utilidade nas pesquisas e nas salas de aula.

Desejamos boa leitura para todas e todos e deixamos, como de costume, o convite para o envio de artigos para a revista.

Angela Mercedes Facundo Navia

Professora Adjunta I do Departamento de Antropologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte